

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LEOMAR PERUZZO

**GÊNERO E DIVERSIDADE: convivendo com o diferente na escola
pública de Blumenau**



BLUMENAU
2016

LEOMAR PERUZZO

**GÊNERO E DIVERSIDADE: convivendo com o diferente na escola
pública de Blumenau**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Hellmann

GÊNERO E DIVERSIDADE: convivendo com o diferente na escola pública de Blumenau

Leomar Peruzzo

**Graduado em Artes – Teatro – FURB. Especialista em Arte na Educação Infantil.
leomarperuzzo@hotmail.com**

Prof. Orientador: Dr. Fernando Hellmann.

Naturólogo. Formação em Bioética Clínica e Social. Mestre em Saúde Pública. Doutor em Saúde Coletiva.

Resumo:

Partindo do pressuposto que as condições de igualdade podem ser construídas na relação coletiva, o espaço escolar constitui importante local de construção dos saberes, atitudes e concepções que em diversos aspectos podem reproduzir desigualdades, exclusões e violências ao diferente. O presente trabalho propõe perceber, por meio de workshop teatral, os discursos de escolares a respeito do tema da diversidade, antes e após uma intervenção teatral sobre a temática. Participaram dez alunos do sexto ao nono ano, os quais responderam a sete perguntas antes e após o workshop teatral "Convivendo com a Diversidade na Escola". Foi possível perceber o desconhecimento da temática e reproduções de discursos heteronormativos religiosos. Contudo, após a intervenção, observou-se mudanças qualitativas nas respostas e que a intervenção teatral é um meio educativo para trabalhar temas como diversidade e gênero.

Palavras-chave: Discursos, Escola, Diversidade, Gênero;

Abstract: Assuming that the playing field can be built in the collective relationship, the school environment is an important construction site of sabers, attitudes and conceptions that in many ways can reproduce inequalities, exclusion and violence to different. This paper proposes to realize, through theatrical workshop, school speeches on the subject of diversity before and after a theatrical presentation on the theme. Participants were ten students from the sixth to ninth grade, which responded to seven questions before and after the theatrical workshop "Living with Diversity in School." It was revealed the ignorance of the subject and reproductions of heteronormative and religious discourses. However, after intervention, it was observed qualitative changes in the responses and observed that the theater is an educational intervention to work through issues such as diversity and gender.

Keywords: Speeches, School, Diversity, Gender;

1. INTRODUÇÃO

Ao nascermos, ou antes mesmo deste fato, recebemos a carga social contida nos gêneros e papéis culturalmente construídos ao longo da história. As famílias, de forma direta, ansiosamente, planejam receber um novo integrante buscando “encaixá-lo” nos papéis tradicionais definidos como menino ou menina, mais tarde tornados homens e mulheres.

O ser menino ou menina é dado por padrões de comportamentos pré-estabelecidos e reproduzidos ao longo das gerações. Por serem fundados como verdades inquestionáveis, têm-se a impressão que essa diferenciação se dá “naturalmente”. O menino precisa usar azul, a menina usa rosa, o menino brinca com brinquedos de menino e as meninas com brinquedos definidos como sendo de meninas. Assim Butler afirma:

A marca do gênero parece “qualificar” os corpos como corpos humanos, o bebê se humaniza no momento em que a pergunta “menino ou menina”? é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição a qual o próprio humano se estabelece. (BUTLER, 2003. P. 162).

De forma a exorcizar qualquer situação tida como “fora dos padrões”, as famílias em geral procuram inserir suas crianças compulsoriamente nas atitudes consideradas corretas para cada “gênero”. Numa atitude de impor maneiras, ações, gestos e formas heteronormativas, os pais, em certo nível, podem agredir lentamente as individualidades de milhares de crianças. Mas o que pode ser considerado “fora do padrão”?

Podemos iniciar a conversa apontando alguns fatos que ocorrem e que certamente constroem corpos limitados, marcados por submissão, autonomia precária. Assim tornam-se obedientes ao sistema opressor econômico, com faces claramente heteronormativas, machistas, falocentristas, abominando qualquer variedade ou diversidade na maneira de ser. De acordo com Butler (2003, p.59), em seu trabalho “Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade”, “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior

de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância de uma classe natural do ser”.

Desta forma o menino precisa gostar de “coisas” de menino e a menina de “coisas” de menina. Nesta afirmação podemos listar inúmeras atitudes das instituições para garantir que a criança cresça nestes moldes. Uma criança bem “adestrada” será um adolescente obediente, e um adulto conformado. Na infância o simples fato da criança gostar de brinquedos opostos aos que foram atribuídos ao seu gênero pode ser motivo de ações corretivas, opressoras e, em casos extremos, encaminhadas à tratamento psicológico, temendo-se do fato que isso possa representar distúrbio comportamental.

Estes indícios podem ter origens históricas, que os ecos ainda se fazem presentes na atualidade. Segundo Foucault (1998, p.47), “No decorrer do século eles carregaram sucessivamente o estigma da “loucura moral”, da “neurose genital”, da “aberração de sentido genésico”, da “degenerescência” ou do “desequilíbrio psíquico”. Estes e outros fatos denunciam como ainda as instituições estão organizadas para manter a normas e padronizar comportamentos, adequar atitudes e garantir que o gênero “binário” seja reproduzido como verdades de vida. Nesta afirmação de Foucault podemos perceber indícios pelos quais as violências de gênero ou à diversidade ocorrem atualmente. Nesta direção Butler afirma:

A univocidade do sexo, a coerência interna do gênero e a estrutura binária para o sexo e o gênero são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam a naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista. (BUTLER, 2003, p.59).

Em dado momento da história da humanidade, estabeleceram-se os padrões comportamentais envolvendo gênero, sexo e sexualidade e de forma compulsória são reproduzidos na construção dos saberes inserindo todos os indivíduos em relações de poder, exclusão, violências sociais e outras ações drásticas. Neste sentido Butler nos traz:

[...]a “unidade” do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória. A força desta prática é, mediante um aparelho de produção excludente, restringir os significados relativos de “heterossexualidade”, “homossexualidade” e “bissexualidade”, bem como os lugares subversivos de sua convergência e re-significação. O fato de os regimes de poder do

heterossexismo e do falocentrismo buscarem incrementar-se pela repetição constante de sua lógica, sua metafísica e suas ontologias naturalizadas não implica que a própria repetição deva ser interrompida – como se isso fosse possível. (BUTLER, 2003, p.57).

De forma geral, o gênero aceito como padrão está estruturado sob os padrões de ser menino ou menina, ser homem e ser mulher. Você é do gênero masculino ou feminino? Pergunta recorrente em praticamente todos os círculos sociais: família, escola, igrejas, empresas e estabelecimentos públicos. Esse sistema binário está reforçado por signos comportamentais e físicos que indiretamente ou diretamente indicam que um indivíduo é do sexo masculino ou do sexo feminino.

Roupas, atitudes e aparência acabam transmitindo informações sobre as maneiras de ser homem ou mulher. Estes hábitos e padrões construídos culturalmente e reproduzidos ao longo da história definem as atitudes das pessoas diante das maneiras de ser e agir em coletividade. Mas e as maneiras de ser que não encaixam-se nos padrões socialmente aceitos como “normal”? Eis a questão: o que fazer então com crianças que nascem do gênero masculino e que gostam de brinquedos ditos femininos? Ou meninas que gostam de brinquedos masculinos? Ou ainda crianças que apresentam necessidade de ser o sexo oposto do qual nasceram? E os adolescentes que gostam de usar artigos que são ditos opostos ao gênero que nasceram? E ainda as pessoas que possuem desejos afetivos pelo mesmo sexo? Ou desejos por ambos os sexos?

Para estas perguntas serem respondidas precisamos entender o ser humano como ser histórico inserido num processo opressor instaurado pelas relações de poder hegemônicas. Neste contexto social ser o diferente representa estar “fora do padrão”, ser excluído, marginalizado, oprimido, agredido, sem direitos. Em termos mais drásticos, quem apresenta comportamentos, atitudes ou aparência fora do dito padrão aceito, sofre diariamente hostilidades. Agressões verbais e físicas ocorrem à aqueles que socialmente não são considerados “humanos”.

A escola, principal local de construção de saberes, está construída numa lógica opressora reprodutora dos padrões hegemônicos. As heteronormatividades que permeiam a construção das relações escolares definem comportamentos, moldam atitudes e geram hostilidades constantes. Como uma máquina formatadora de corpos, a escola age em escala devastadora, uniformizando copos e seus

comportamentos e habilidades que quase sempre prepara “operários” para o mercado de trabalho.

Torna-se cada vez mais necessário a pesquisa e estudos em torno da categoria gênero para promover discussões acerca daquilo que parece ser negado à séculos: o direito de ser diferente, de ser livre e viver a diversidade inerente ao ser humano.

Encontrar a dimensão humana necessária para a livre expressão torna-se cada vez mais necessário em todos os círculos sociais. Os espaços escolares necessitam intensificar as discussões em torno destas questões garantindo a construção adequada dos saberes. Butler diz que:

Localizar o mecanismo mediante o qual o sexo transforma-se em gênero é pretender estabelecer, em termos não biológicos, não só o caráter de construção do gênero, seu *status* não natural e não necessário, mas também a universalidade cultural da opressão. (BUTLER, 2003, p. 67)

Desta forma a intervenção dialogada e vivencia de possibilidades reflexivas podem apontar saídas para perceber as dimensões humanas fundamentais na construção dos saberes individuais.

A iniciativa de estudar e desenvolver ações educativas nos círculos escolares abordando o tema diversidade representa a possibilidade real de subverter o sistema opressor. Se não é possível mudar radicalmente o sistema, é possível encontrar escapes, outras dimensões e novos valores que podem modificar os círculos viciosos, violentos que frequentemente presenciamos nos espaços escolares. Assim a proposta deste estudo estará voltada a responder a seguinte questão: Quais os discursos escolares em torno das questões de gênero e diversidade? A escola pública em Blumenau contribui para a discussão dos temas envolvendo diversidade humana e sexualidade?

Assim os objetivos a serem perseguidos estão diretamente voltados a instaurar diálogos e intervenções na direção de ampliar as noções de gênero, sexualidade e diversidade; estabelecer momento de livre troca expressiva por meio dos jogos teatrais; perceber o outro como indivíduo que ultrapassa os padrões comportamentais normativos; incentivar a percepção do diferente como elemento fundamental para a singularidade humana.

Ainda podemos apontar mais possibilidades como: mapear os discursos escolares que permeiam a construção dos padrões normativos relacionados à identidade de gênero, afetividades, e diversidade na escola pública; identificar a realidade escolar na construção dos conhecimentos relacionados à identidade de gênero, afetividades e sexualidade com ênfase no ser diferente.

2. METODOLOGIA E AÇÃO

Por meio de jogos teatrais coletamos dados, aspectos e discursos encontrados na escola relacionados ao gênero, diversidade e sexualidade. Os jogos teatrais foram desenvolvidos em curto período, no formato de workshop, que ofereceram diferentes materiais de análise como atitudes, depoimentos, resolução de cenas, discursos verbais e diálogos. O período de permanência dos sujeitos no ambiente escolar pode definir aspectos e comportamentos específicos com relação à vivência da afetividade, sexualidade e percepção dos indivíduos em círculos sociais.

Neste sentido a proposta de intervenção direta com estudantes especificamente de escola pública, na direção de perceber os discursos que permeiam a construção dos conceitos e torno do gênero, o ser menino e ser menina; as questões relacionadas ao afeto, sexualidade (homossexualidades, bissexualidades e heterossexualidades) e as questões inerentes à biologia, sexo biológico (transgêneros) desenvolveu-se com certa eficiência.

Sabemos que interações e reproduções de padrões constroem os indivíduos bem como o aparato simbólico que sustenta os papéis sociais ditos “inteligíveis”, muitas vezes pautados em heteronormatividades compulsórias, masculinizações artificialmente atribuídas aos corpos como “norma”, o “normal inteligível”. Tudo que não consegue encaixar-se ou não parece com tais signos normativos é condenado perversamente e cruelmente à exclusão.

Para que se possa iniciar discussão efetiva em ambientes de ensino, há a necessidade de ter professores e dirigentes preparados para lidar com a diversidade humana em níveis de estudo que promovam vivências consistentes.

A proposta de intervenção ocorreu em Escola Municipal Leoberto Leal, localizada na Rua Johann Sachse, 2602 - Salto Norte, Blumenau – SC. Este

estabelecimento de ensino que atende crianças desde os anos iniciais, anos finais do Ensino Fundamental e possui estrutura física adequada tendo em vista os padrões públicos. A proposta contemplou grupo de adolescentes dos anos finais, de 6º anos até 9º anos, aos quais realizou-se convite para participar do workshop. Dez alunos compareceram por manifestação voluntária à participar de experiência teatral abordando o tema “Convivendo com a Diversidade na Escola”.

As propostas teatrais organizadas sob a ótica de discussão dos temas que envolvem o “ser menino e ser menina no contexto sócio - escolar”. Assim, o foco dos jogos teatrais apontou para a vivência de situações, simulações de realidades envolvendo a diversidade humana como questão fundamental para o reconhecimento das individualidades e diferentes maneiras de ser homem e ser mulher, de descobrir as variáveis humanas que existem na construção dos papéis masculinos, femininos e outras maneiras de se constituir “humano”. Nesta direção Olga Reverbel nos afirma:

Atividades de expressão são jogos dramáticos, musicais ou plásticos que dão ao aluno um meio de exteriorizar, pelo movimento e pela voz, seus sentimentos mais profundos e suas observações pessoais. O objetivo básico da atividade é ampliar e orientar as possibilidades de expressão do aluno. (REVERBEL, 1996. p. 24).

Assim, por meio dos jogos dramáticos os estudantes perceberam as questões abordadas de forma lúdica interagindo e discutindo suas percepções ao final. Num encontro de três horas os participantes puderam simular situações em que o jogo estabeleceu a ficção abrindo portas para a reflexão que pode estabelecer-se de modo indireto, mas que nos diálogos finais as percepções pareceram de modo direto e concreto. Iniciamos o encontro com a apresentação da proposta e de breve conversa para que os integrantes pudessem estabelecer integração inicial. Ao todo participaram do encontro 10 adolescentes de diferentes idades e distintos anos.

Os dados levantados foram descritos de forma a perceber as respostas do questionário aplicado antes da intervenção e após a intervenção como um termômetro que apontou de que forma os adolescentes percebem o outro e seu diferente/diverso e como a escola desenvolve estas questões em seus círculos de estudos.

A primeira ação consistiu em responder ao questionário com 7 perguntas relacionadas ao tema de pesquisa. A segunda etapa consistiu em desenvolver os jogos teatrais voltados também ao tema central de investigação. A etapa final consistiu em dialogar sobre os exercícios e refletindo os significados de palavras importantes e como sua compreensão pode trazer atitudes específicas com relação ao diferente no ambiente escolar.

Os jogos teatrais foram estruturados em blocos distintos, mas que progressivamente direcionaram os participantes a reflexão em torno da diversidade e do ser diferente. O primeiro jogo consistiu em um pega-pega diferente. Os participantes estabelecem que seria o “pegador”, que passa a pegar quem estiver perto, para que na pessoa possa se salvar de ser tocada e tornar-se o pegador, poderá chamar o nome de um colega que passará automaticamente a ser o pegador. Este exercício promoveu a integração entre os participantes e também possibilitou conhecer os nomes dos estudantes.

A segunda proposta estava voltada para a percepção do corpo do outro como sendo único e que possui possibilidades distintas de movimentações. Em círculo, os estudantes foram desafiados a imitar as posturas, movimentos e expressões sugeridas pelo estudante que se colocou ao centro do círculo. Depois de um determinado tempo executando, outro estudante assume o centro do círculo, propondo novas imagens corporais para serem imitadas. Depois que todos passaram pelo centro do círculo finalizamos o exercício. Este pode ser definido como “siga o mestre” adaptado e tem finalidade de perceber as possibilidades corporais do colega e exercitar o observar e imitar. Pode-se também fazer relação com as atitudes que imitamos todos os dias sem refletir se são boas ou prejudiciais para nós e outras pessoas do convívio social.

O exercício a seguir consistiu numa caminhada pelo espaço e toda vez que encontrassem um colega teriam que cumprimentar com uma parte do corpo. Iniciando pelo olho e progressivamente adicionando outras partes do corpo, até este ser com todo o corpo. Exercício de descontração e aquecimento corporal sendo que o instrutor coordena a caminhada com paradas e adição das partes do corpo para executar o “oi”.

O exercício a seguir também seguia com uma caminhada pelo espaço, mas a cada parada na caminhada os participantes iriam entortar uma parte do corpo (pensando em corpo assimétrico) gradativamente até todo o corpo estar em

movimento de maneira assimétrica pelo espaço. Ao final todos apresentaram seu corpo “entortado” e instigou-se a percepção das diferenças de cada corpo numa relação com a diversidade natural do ser humano.

O exercício a seguir consistiu em resolver situações problema que se relacionavam com o tema central: ser diferente, propostas pelo instrutor. Tivemos dois grupos que receberam duas situações, uma situação trazia uma família descobrindo que seu filho/filha era homoafetivo, e outra: “um grupo de amigos está cometendo bullying com uma pessoa negra de outro estado”. Eles foram desafiados a resolver as situações conflito criando cenas com um começo, um meio e um fim para a problemática. Ao final apresentaram uns aos outros.

Ao final do workshop conversamos reflexivamente sobre o encontro e mais alguns termos foram apresentados como significados de gênero, afetividades, diferença entre sexo e sexualidade, termos como gay, lésbica, homossexual, heterossexual, bissexual, transexualidade, travestismo e um pouco sobre o que abarca o ser diferente/diverso na convivência social.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As respostas das questões aplicadas antes da intervenção teatral e depois foram comparadas de forma a verificar as possíveis variações e perceber alguma particularidade ou reflexão proveniente da intervenção.

Na primeira questão era questionado o que significa ser menino ou ser menina. As respostas variaram, mas mostraram que tanto nas iniciais quanto as finais, percebem as diferenças entre os papéis (menino, menina) somente sobre a ótica do sexo biológico. Este aspecto fica evidente quando aparece a afirmação: “*ser menino é ser do sexo masculino*”. Numa das respostas desponta outro aspecto, mas que o participante respondeu após vivenciar a oficina teatral. A resposta foi “*ser menino não é só brincar de carrinho e ser menina não é só brincar de boneca*”.

Aqui podemos perceber a padronização dos comportamentos atribuídos para meninos e comportamentos para meninas. A resposta sugere que provavelmente a pessoa participante percebe que brinquedos são brinquedos e podem ser utilizados por ambos os sexos, sem a “paranóia homofóbica”, muitas vezes praticada pelos pais, irmãos e professores, de que o menino que gostar de brincar com brinquedos

“ditos” de meninas, poderá se tornar homossexual ou vice-versa. Aqui podemos refletir juntamente com Butler:

[...] “o corpo” aparece como meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então como o instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma. Em ambos os casos, o corpo é representado como um mero *instrumento* ou *meio* com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado. Mas “o corpo” é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de “corpos” que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero. (BUTLER. 2003, p. 27).

A segunda pergunta solicitava para que escrevessem o que entendem sobre diversidade. Das 10 pessoas, somente três pessoas responderam conceitos que se aproximam ao significado atribuído ao termo diversidade ou pluralidade humana. Nesta resposta “*Diversidade é ser diferente e gostar de pessoas diferentes*”, apresenta a ideia do ser diferente como elemento central da diversidade. E esta outra “*Seu jeito de ser*”, completa a resposta acima referindo-se à subjetividade individual de cada sujeito. E esta terceira resposta, “*Diversidade são os homens, por exemplo raça negra, branca, mulheres, lésbicas, gays e homens*” nos remete à questões específicas relacionadas às etnias e afetividades. As sete respostas restantes afirmaram desconhecer o significado da palavra diversidade.

A questão de número 3 trazia o que é ser homem e ser mulher. Na maior parte das respostas apareceu que homem e mulher significa ter maior responsabilidade, referindo-se à vida adulta. Outras respostas apontaram as diferenças genitais entre homem e mulher, além de algumas respostas mostrarem que desconhecem o que significa. Mas uma resposta merece destaque, por mostrar claramente certa heteronormatividade. O adolescente respondeu “*homem é gostar de mulher e mulher é gostar de homem*”. Nesta sentença o estudante apresentou fixação na condição normativa entre os sexos. Aparentemente o “correto” seria homens se relacionarem afetivamente com mulheres e mulheres com homens. Desta maneira os indícios apontam para o que Butler nos traz:

[...] há estruturas historicamente contingentes, caracterizadas como heterossexuais e compulsórias, as quais distribuem aos homens os direitos da fala plena e autorizada, negando-os às mulheres. Mas essa assimetria socialmente constituída disfarça e viola uma antologia pré-social, de pessoas unificadas e iguais. ” (BUTLER. 2003, p. 165).

A quarta questão solicitava para que escrevessem sobre homossexualidade e heterossexualidade. As respostas variaram desde “*homossexual - homem que gosta de homem e heterossexual - mulher que gosta de mulher,*” até o desconhecimento total. Alguns responderam que homossexual seria homem que gosta de relacionar-se com outro homem, mas afirmaram não saber o significado de heterossexualidade. Outras respostas afirmaram que não possuem preconceito, que respeitam as condições dos indivíduos.

Uma resposta chamou a atenção, pois trouxe a questão religiosa como argumento para não aceitar as diferentes formas de afetividade. A resposta foi o seguinte: “*Bom, isso, eu não dou bola, porém como sou crente acho errado por fatos escritos na bíblia*”. Esta resposta, antes do estudante vivenciar a oficina teatral. Após a vivência, ele respondeu: “*São de livre escolha não tenho preconceito com isso*”. Aparentemente podemos perceber certa mudança na postura, indicando possível reflexão.

Na quinta questão, perguntamos aos estudantes se estudaram na escola sobre afetividade e sexualidade. Maior parte das respostas dizem que sim, que já estudaram. Uma parcela dizem que não lembram, outros disseram que não. Nesta questão surge um paradoxo. Se a maioria diz que já estudou, então por que motivo não conseguem responder os conceitos relacionados à afetividade e sexualidade que aparecem nas questões anteriores? Diante disso podemos listar algumas hipóteses: ou a escola desenvolve os temas de forma ineficiente, ou os estudantes apresentaram respostas que não correspondem aos conhecimentos que possuem sobre o assunto.

A sexta pergunta indagava ao participante se havia sofrido alguma situação discriminatória ou presenciado na escola, trajeto ou em outro local pelo motivo de ser diferente. 9 das 10 pessoas que participaram afirmaram ter visto ou sofrido situações discriminatórias. Na maior parte das respostas a própria pessoa afirmou ter sofrido discriminação por algum motivo pelo qual a torna diferente. Apareceram respostas afirmando que os principais motivos de discriminação/violências foram diferenças físicas, ser magro demais, ser gordo, usar alargador, “piercing”, cabelo cacheado, ser baixo, ser “catinguento” e “sujo” pela cor de pele, por usar calça justa. Nenhum deles mencionou discriminação, ou ter visto, relacionada à afetividade, homossexualidade ou outra questão da diversidade. Diante disso podemos perceber que ou os participantes possuem aceitação ao diferente em alto nível, ou negam a

existência da homossexualidade na escola. Esta realidade apresenta situação preocupante quanto à maneira que os estudantes estabelecem as relações interpessoais.

De modo geral, nos parece que discriminar, excluir, violar pelo fato de ser diferente é um comportamento estabelecido como “norma” no ambiente escolar. Segundo Louro, (2003, p. 27), os excluídos, discriminados, desrespeitados: “A esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação. A produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia”. Deste modo podemos entender como a opressão ao diferente é inserido compulsoriamente na escola e nas relações estabelecidas nela.

Na sétima e última questão, os participantes responderam quanto ao ser diferente, se sabem o significado do termo. A grande maioria trouxe respostas pouco consistentes como: “*ser diferente é ser diferente de outras pessoas*” ou “*ter personalidade diferente, ou opções diferentes*” ou ainda “*ter o seu próprio jeito*”, “*ter atitudes diferentes*” e ainda sobre diferenças físicas, “*eu sou homem e o outro tem corpo de homem, só que não é*”. Estas respostas apontam para a inconsistência de significado para um termo aparentemente simples. Mesmo depois da intervenção a inconsistência na compreensão do ser diferente manteve-se. Uma resposta aproximou-se da amplitude do que significa ser diferente: “*Diferente é ser diferente do que você é, ser diferente de outras pessoas*”.

A vivência teatral instigou os participantes a desenvolverem situações, simulações e discussões que de certo modo remetessem ao cotidiano, que pudessem contrapor-se ao padrão dito como normal. Ao longo dos exercícios apresentaram disponibilidade corporal, envolvimento grupal e ainda refletiram dialogicamente sobre as questões apresentadas associado com o entendimento específico de cada estudante. A intervenção em formato de workshop resultou em reflexões voltadas ao diferente no ambiente escolar com ênfase nas questões da diversidade humana. Um momento de maior destaque da intervenção foi a reflexão direcionada após o exercício do “entortar” o corpo, em que percebemos as diferenças físicas de cada participante na direção de construir percepções sobre o outro que ultrapassem os condicionamentos padronizados da escola. O exercício de resolver situações problema também foi marcante, pois as soluções foram distintas. No caso de xenofobia e racismo, o grupo propôs estudos sobre as etnias existentes

no planeta e seus hábitos culturais. O segundo grupo, apresentou solução apelando para o humor em que o personagem homossexual é tratado bem pela família, porém o estudante interpretou o personagem com ações e modos de ser estereotipados, denunciando as influências midiáticas na construção dos conhecimentos acerca do ser humano, de sua diversidade e da imagem de homoafetivo.

O questionário aplicado apontou certa modificação em alguns pontos relacionados à diferença humana na direção e percebê-la como ponto comum e não indicador de exclusão. Sabemos que uma ação com duração e público limitado pode ser somente uma semente em meio à trama de relações e violações que o correm na escola. De qualquer forma, a ação marcou alguns estudantes trazendo-os à reflexão vivencial acerca dos termos e conceitos negados pelo sistema de educação falho.

Ao final solicitamos para que pudessem deixar um comentário sobre o encontro e dois dos comentários merecem destaque: *“Achei que foi bem legal, me diverti muito”* e *“Eu gostei da oficina de Teatro porque foi importante saber mais sobre a vida”*. Este depoimento traduziu o que a escola poderia intensificar. Poderia discutir mais os assuntos relacionados à vida e como ela pode ser melhor na convivência cotidiana, traçando trajetórias sensíveis ao ser humano sempre considerando sua diversidade natural.

Outro apontamento alarmante é a clara percepção que 9 dos 10 participantes sofreram ou já presenciaram situações de discriminação por ser diferente. Ou seja, o ambiente escolar propaga violências de modo sistemático por conta de relações construídas ao longo das décadas, sendo estas causadoras de desigualdades, sofrimentos e transtornos de diferentes naturezas.

Os questionários apontaram que reflexões em torno da afetividade, sexualidade e identidade de gênero, quando ocorrem, são tímidas, ou ineficientes, que por sua vez limitam-se aos discursos normativos heterossexuais, moralismos autoritários, conservadorismo religioso, submetidas repetidamente às relações de poder presentes na escola.

As questões que envolvem a afetividade necessitam abordagens adequadas para que estabeleçam processos de aprendizagem reflexivos que promovam a desconstrução dos sexismos, machismos, homofobias, transfobias e possíveis violências associadas à diversidade humana. Louro nos aponta possíveis indicativos pelos quais as relações envolvendo as diferenças se estabelecem:

O reconhecimento do “outro”, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais) e aqueles que ficam fora dela, as suas margens. Em nossa sociedade, a norma que estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. São os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Dessa forma, a mulher é representada como “segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual. (LOURO. 1999, p.15 e 16).

A escola é local de entender, estudar, provocar reflexões que construam conhecimentos relacionados à identidade de gênero e de que maneira eu identifico-me como homem ou mulher, de que forma compreendo o outro e as questões que ultrapassam fronteiras normativas, permitindo perceber gays, lésbicas, transgêneros, transexuais e travestis como seres humanos dignos de respeito.

Conhecimentos relacionados à orientação sexual são fundamentais. Que não quer dizer orientar estudantes em assuntos da prática sexual, mas sim perceber as questões relacionadas aos desejos, prazeres, afetos, intimidade nas relações humanas sempre incluindo de forma natural a homossexualidade, a heterossexualidade e bissexualidade como possibilidades afetivas do ser humano.

Muitos discursos propagam o termo “opção” sexual para definir os comportamentos que não se enquadram na heteronormatividade. Não ocorre opção sexual quando tratamos de orientação sexual. O que temos é a condição específica da diversidade humana. O indivíduo poderá optar em viver ou não sua sexualidade, mas em optar pelo desejo que não sente verdadeiramente, constitui fato impossível. Para Butler (2003) em “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo” traz a relação entre os corpos que realmente são notados e aqueles que são desumanizados pela condição normativa. Assim ela nos diz:

A categoria do “sexo” é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de “ideal regulatório”. Nesse sentido, pois o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla. Assim, o “sexo” é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladoras. Em outras palavras, o “sexo” é um construto ideal que é forçosamente

materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo” e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. (BUTLER. 2003, p. 153 e 154).

Percebemos que os estudantes estão inseridos na maquinaria opressora escolar que reproduz os padrões socialmente definidos como “normais”. Tais padrões estabelecem signos e atitudes que cada indivíduo do sexo masculino precisa ter, e signos e atitudes que cada indivíduo do sexo masculino precisa ter para serem aceitos como corretos. Muitos casos de violências ocorrem pelo simples fato do sujeito parecer ter características do sexo oposto. Para Parquer ,

Ao questionar a naturalização das relações reprodutivas e sexuais, chamando atenção para o fato de que a sexualidade tem uma história e que ela deve ser compreendida como um construto social e cultura, a recente pesquisa social e cultural sobre a sexualidade tem destacado a potencialidade de diversas culturas e comunidades sexuais para remoldarem a reestruturarem os contornos de suas próprias experiências. Isso coloca uma atenção renovada no fato de que a desigualdade de gênero e a opressão sexual não são fatos imutáveis da natureza, mas sim artefatos da história, ajudando a nos fazer lembrar que as estruturas da desigualdade e da injustiça, que tão frequentemente parecem organizar o campo sexual, bem como outras formas de injustiça social, podem, de fato, ser transformadas através da ação intencional e de iniciativas políticas progressivas. (PARQUER.1999, p. 144).

Quando o sujeito prontamente apresenta inclinação para afetividades contrárias à heteronormatividade, esse tende a ser excluído e alvo de chacotas traumáticas. A regra esmagadora da heteronormatividade compulsória tenta adequar todos os corpos a atitudes estabelecidas como “corretas” para o indivíduo. Quem possui o sexo masculino precisa ser “macho” ter jeito de “macho” e relacionar-se afetivamente com o sexo feminino. Da mesma forma as pessoas que nascem com sexo feminino são inseridas numa prática de formatação para o mundo dito feminino.

O grande problema escolar está em padronizar as crianças e garantir que possam crescer correspondendo ao dito “normal” e negar, esconder, reprimir toda e qualquer forma de diversidade humana, tanto na maneira de ser homem e mulher, quanto na condição de afetos e desejos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos discursos apresentados pelos estudantes percebeu-se certa carência de conhecimentos com relação às questões de gênero e diversidade. Certamente este fato ocorre pelo despreparo dos profissionais da educação em abordar práticas educativas reflexivas em torno de tais conceitos. Os comportamentos e problemáticas sociais em torno da diversidade certamente ocorrem pelo fato de a escola e círculos sociais ainda possuírem fortemente raízes em suas práticas normativas culturais e a “ditadura” heterossexual que determina o comportamento/características que cada indivíduo precisa ser para ser “normal”. Se considerarmos que quem é dito “normal” atende a uma norma e sendo assim quem naturalmente não corresponde ao dito aceito está fora da norma, ou seja, considerado “anormal”, logo teremos ciclos de violências exclusões e opressão.

Um evidente desafio encontrado nesta intervenção foi reunir estudantes num turno oposto ao que estudam. Então o convite realizado nos dois turnos definia que aos estudantes do matutino poderiam participar no vespertino, e estudantes do vespertino deveriam vir no matutino. De quase 1000 estudantes da escola somente 10 compareceram para o encontro. Este fato escancara o desinteresse da classe estudantil em conhecer assuntos relacionados ao teatro e principalmente aos assuntos que abordam a diversidade humana.

Outra questão a ser destacada é que as respostas apresentadas nos questionários apontam para a inexistência de vivências escolares abordando os temas da diversidade. Assim podemos supor que os profissionais de educação de modo geral, possuem formação tímida nas áreas que tratam das questões de diversidade humana. Conseqüentemente os temas não abordados podem ser conhecimentos negligenciados que poderia diminuir a exclusão dos que não se enquadram no “padrão” dito “normal”. As iniciativas de combate às fobias e violências desenvolvidas pelos órgãos federais recebem visibilidade, mas ainda são passos lentos rumo a igualdade e convivência respeitosa entre todas as maneiras de ser. O ideal utópico seria todos poderem expressar seu sentimentos e desejos livremente sem repressão de nenhuma natureza. Perceber o outro como alguém diverso, único e que merece respeito é um desafio contínuo, bem como aceitar a natureza de cada indivíduo e lhe atribuir valor humano tanto quanto cada um de nós necessita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÁN, M.; MURTA, D. **Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde.** Revista Physis vol.19 nº1, Rio de Janeiro-2009. Disponível em <http://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em 05-07-2015, as 10:40;

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade** - Tradução: Renato Aguiar – Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2003;

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In LOURO, Guacira Lopes (organizadora). **O corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999;

DANILIAUSKAS, M. **Relações de Gênero, diversidade sexual e políticas de educação: uma análise do programa Brasil sem homofobia.** Dissertação de mestrado. USP, São Paulo-2011. Disponível em <http://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em 05-07-2015, as 11:00;

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. **Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008;

FOULCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de Saber.** Trad. de Maria Thereza da Costa Alunquerque e J. A. Guilhaon Alunquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1998;

LEITE, Amanda Mauricio Pereira. **Clandestinidades: Imagens do Diverso na Educação.** UDESC. IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul-2012. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/GT23___Genero,_Sexualidad

e_e_Educacao/Trabalho/03_27_41_GT_23_Amanda_Leite.pdf. Acesso 20-07-2015, às 17:00;

LOURO, Guacira Lopes (Orgs.). **O corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999;

NUNAM, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo.** Rio de Janeiro, Editora Caravansarai – 2003;

PARQUER, Richard. **Cultura, economia, política e construção social da sexualidade.** In LOURO, Guacira Lopes (Orgs.). **O corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999;

PETRY, A. R. M.; ESTERMANN, D. E. **Migrações sexuais e de gênero: experiências de mulheres transexuais.** Porto Alegre -2011. Disponível em <http://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em 05-07-2015, as 11:15;

REVERBEL, Olga. **Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão.** São Paulo. Editora Scipione – 1996;

SANTOS, M. M. R. A.; FERREIRA, T. C. C. **Desenvolvimento da identidade de gênero em casos de intersexualidade: contribuições da psicologia.** Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília- 2010. Disponível em <http://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso 05-07-2015, as 11:30;

SANTOS, Luciano Pereira.; FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. **Percepções Docentes Sobre Diversidade Sexual, Gênero, Homofobia e Homoafetividade na Escola.** UFP- 2014. Disponível em: http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2014/CH_02922.pdf. Acesso em 20-07- 2015 às 16:00.